

# A REVOLTA DOS PÉS

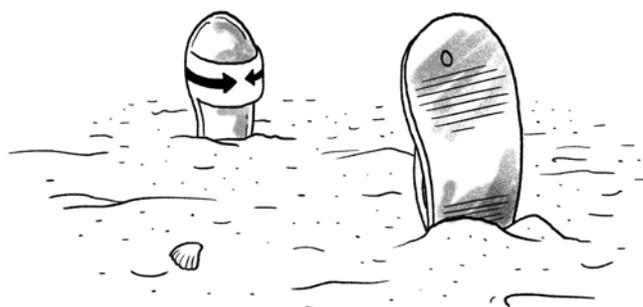
Ricardo Prado

© Daniel Almeida



## Resenha

Seis membros da família Fernandes terminam seu *almojanta* na casa de praia que alugaram para passar o verão. Enquanto pai, mãe, filhos e avô descansam depois de comer, mal se dão conta de que uma tumultuada assembleia acontece debaixo da mesa em que estão sentados: seus sessenta dedos dos pés, ali reunidos, decidem enfim tomar uma atitude a respeito daquilo que percebem como uma grande injustiça. Por que, afinal, apenas os dedos das mãos têm nomes, e os dedos do pé não? Por que tamanha falta de reconhecimento, sendo os pés os responsáveis por sustentar o peso de todo o corpo sem descanso? Conversa vai, conversa vem, ainda com os ânimos exaltados, observando o comportamento da família Fernandes, os dedos dos pés conseguem chegar a proposições de apelidos para cada um dos cinco dedos: Mata-barata, Fura-meias, Ralado, Topado e Esfolado. Concluída a assembleia dos pés, Francisco, o pai dos Fernandes, que é músico, sente uma súbita inspiração, e compõe uma canção intitulada *A revolta dos pés*, mesmo sem ter participado diretamente da conversa da multidão de dedos. Ao ouvir a canção tocada no violão, os múltiplos dedos dos pés de toda a família chegam a estalar de felicidade – sentindo-se, pela primeira vez, reconhecidos.



Coordenação:  
Maria José Nóbrega

Ricardo Prado elabora uma narrativa bem-humorada, em que os acontecimentos realistas do mundo dos humanos de uma mesma família se intercalam com as discussões entre os dedos dos pés das personagens, que ganham voz própria. Nas ilustrações, os dedos do pé adquirem rostos emotivos expressivos. Em meio aos acontecimentos vivenciados pela família, os pés aparecem nas situações mais diversas: são usados para esmagar uma barata, se ressentem de permanecer muito tempo presos em um calçado apertado, sofrem acidentes em jogos de futebol, pisam em estranhos objetos pontudos escondidos no mar, dão topadas em móveis, sofrem com frieiras... Com tantos acidentes, era quase inevitável que os nomes dos dedos dos pés ecoassem de alguma forma as situações precárias em que somos levados a tropeçar no nosso próprio passo.

## Depoimento

De Pedro Felício,  
ator, músico e pai

Enquanto líamos *A revolta dos pés* na sala da casa de minha mãe, eu e minha filha esticamos os nossos pés descalços sobre a mesa de centro da sala. Ficaram lá, nossos vinte dedos dos pés, acompanhando com a gente a história da família Fernandes.

Uma das coisas mais importantes para minha pequena de sete anos era saber exatamente que dedo estava se pronunciando em cada momento. Então, a cada descrição do orador na assembleia dos dedos, ela pausava a leitura e ia localizar em seu próprio pé quem era aquele dedo. Claro que isso tornou a leitura bastante mais demorada, mas também deixou que minha filha se apropriasse um pouco mais da narrativa. As ilustrações – com a divisão cromática entre o mundo da família, das

peessoas, e o mundo dos pés – foram fundamentais para que ela pudesse também localizar nos desenhos cada pé que falava ou que reagia ao longo da assembleia.

Dúvidas não faltaram: “O que é unha encravada? Fica assim pra sempre? Ele colocou o pé no cimento!? Por que eu nunca pintei as unhas dos pés? Por que os macacos têm rabo? Com quantos anos é adolescente mesmo?”

E sobre a canção: “Essa voz é do pai? O Francisco?” “Não, filha, acredito que o Francisco seja uma personagem de ficção.” “Então é o escritor?”

Minha Helena é – como são as crianças – um pouco Jorge.

E foi ótimo ler a pequena biografia de Jonas Garcia acrescida à letra da canção. Esses pequenos elementos que nos fazem estar mais próximos, quase íntimos dos autores (sejam escritores, compositores, ilustradores).



O mais curioso sobre essa leitura é que os nomes dos dedos dos pés não foram propriamente a questão que mais interessou à minha filha. Evidentemente, ela também tinha opiniões sobre os nomes que apareceram na assembleia (gostou especialmente de “faz-chulé”, mas foi voto vencido), mas o principal interesse foi a teia de relações interfamiliares que aparece por meio desse ponto de vista tão inusitado: os pés.

Helena, assim como quis identificar cada dedo a falar na reunião da “pezada”, esforçou-se em compreender quem eram essas personagens que apoiavam seu peso nas protagonistas da história. Queria entender por que Bruno teve ciúmes da irmã, se o avô Ari era uma personagem histórica ou inventada. “A mãe deles é a Rafaela? Rafaela é nome de mãe? Parece mais de criança... Acho que ela devia falar mais coisas, porque as mães falam bem mais.”

De toda forma, entender as relações da família Fernandes foi tão ou mais importante para ela do que compreender a pauta dos direitos dos dedos dos pés.

Isso é um ótimo sinal. Afinal, uma boa história não é nunca exatamente apenas sobre o que se percebe à primeira vista.

## Um pouco sobre o autor

Filho de um professor de Língua Portuguesa e de uma leitora incansável, Ricardo Chaves Prado cresceu entre livros. Assim, lia tudo o que aparecia em sua frente, especialmente as coleções de vida selvagem. Após tomar a decisão de se tornar jornalista, entrou na Escola de Comunicações e Artes da USP, em 1981, com 18 anos de idade. Mais tarde se tornou editor de revistas, trabalhando em títulos como: *Capricho*, *Superinteressante*, *Náutica*, *Nova Escola*, *Carta na Escola* e em várias outras publicações. Pela editora Moderna também publicou os livros *Uma cor só minha*: o diário de um daltônico e *No meio da bicharada*: histórias de bichos do Brasil.

## Leia mais

### Do mesmo autor

- ✦ *No meio da bicharada*: histórias de bichos do Brasil. São Paulo: Moderna.
- ✦ *Uma cor só minha*: o diário de um daltônico. São Paulo: Moderna.

### Do mesmo gênero

- ✦ *A ideia que se esquecia*, de Jorge Miguel Marinho. São Paulo: Biruta.
- ✦ *Luna Clara e Apolo Onze*, de Adriana Falcão. São Paulo: Salamandra.
- ✦ *Fazendo Ana Paz*, de Lygia Bojunga. Rio de Janeiro: Casa Lygia Bojunga.
- ✦ *A vida íntima de Laura*, de Clarice Lispector. Rio de Janeiro: Rocco.

